

# NOTAS SOBRE O IMPERIALISMO HOJE

WILSON CANO\*

Ações imperialistas praticadas por Estados nacionais (ou prepostos) sobre terceiros antecederam o capitalismo. Pilhagem, conquista e dominação de povos ou nações foram seus efeitos, obtidos sempre pela violência.

Nos primórdios do capitalismo, o imperialismo adquire uma nova forma, e aqueles efeitos foram ampliados, com a busca aos metais preciosos, o comércio negreiro, a colonização e os crescentes lucros mercantis. Todos eles foram peças fundamentais para a chamada acumulação originária.

Já na acumulação capitalista e principalmente na passagem da primeira para a segunda Revolução Industrial (segunda metade do século XIX) o imperialismo sofreria substanciais transformações, passando a ser, segundo Lenin, "estágio superior do capitalismo". Lembremos a caracterização que esse autor lhe fez:

1. aumento da concentração do capital e da produção;
2. a passagem da pequena para a grande indústria, com o capital industrial e o bancário se "fundindo", originando o capital financeiro;
3. aumento colossal das exportações de capital financeiro;
4. divisão dos mercados mundiais, pelos monopólios internacionais;
5. divisão territorial do mundo, pela moderna colonização. Não é demais lembrar que na década de 1870 essa dominação atingia 11 % do território da África, 57% da Polinésia, 51 % da Ásia e 100% da Austrália. No final do século o percentual da África passou a 90%, o da Polinésia a 99% e o da Ásia a 57%;
6. a expansão do capital financeiro e a da sociedade por ações praticamente criou a classe dos *rentiers*;
7. a colonização, de início objetivando a garantia de fontes supridoras de matérias-primas e de mercados, altera seu caráter, com o surgimento de Estados nacionais, incorporando outros interesses, concessões, monopólios, "áreas de influência" etc.

\* Professor titular do Instituto de Economia da Unicamp.

O final da Segunda Grande Guerra, explicitando os anseios democráticos por mais justiça, liberdade e democracia, de um lado, e o debilitamento da maior parte das grandes potências por outro, desencadeou, entre outras coisas, o processo de descolonização. A guerra fria contudo, ao bipolarizar o mundo, obrigou o imperialismo a praticar também políticas de "ajuda" e de reconstrução. Porém, a tentativa de nova ordenação mundial (Bretton Woods) foi insuficiente e precária, não dando conta do equacionamento financeiro internacional. A década de 1970 assistiria, assim, ao agravamento dos desequilíbrios dos países ricos, com inflação e estagnação, que culminariam na chamada "crise da dívida externa" imposta ao Segundo e ao Terceiro Mundos e na *financeirização* mundial.

Assim, o imperialismo viu-se obrigado a vestir nova "roupagem", dado que a supremacia da acumulação de excedentes financeiros não pode impedir, por muito tempo, a inevitável crise explicitada pela debilidade da acumulação real. A velocidade necessária para a busca de canais que pudessem converter aqueles excedentes em investimentos produtivos exigiu uma engenhosidade ideológica: o neoliberalismo.

A perda de controle parcial que as grandes potências sofreram com a transmigração de filiais de suas empresas e seus bancos nacionais, que se internacionalizam entre 1950 e 1980, e a crise fiscal por que passavam seus Estados nacionais foram o fermento para o crescimento daquela ideologia. O imperialismo, a partir de meados da década de 1970, passava assim a atuar em duas grandes frentes:

1. ataque frontal aos Estados nacionais já financeiramente debilitados, que consistiria em acirrar a crítica "ineficiência" administrativa e produtiva estatal e reafirmar que o mercado dá alocação melhor aos "fatores" e obtém melhor eficiência;
2. apropriar-se, em velocidade vertiginosa, dos novos conhecimentos já disponíveis da ciência e da tecnologia e acelerar a busca de novas descobertas.

Seria até desnecessário dizer que, com isso, se deu o clássico acirramento da concorrência entre os grandes capitais privados das grandes potências, e isso, naturalmente, desencadeou também mecanismos de defesa, via constituição e fortalecimento da tríade, ou seja: os blocos liderados pelos EUA (NAFTA), Alemanha e França (CEE) e Japão ("espaço asiático"), que, com isso, criaram verdadeiras fortalezas neoprotecionistas (a despeito do discurso neoliberal).

Ruptura de monopólios públicos (principalmente em energia, transportes e telecomunicações), privatizações de empresas estatais, desregulamentação econômica, especialmente sobre os movimentos de capitais internacionais e políticas de descentralização fiscal e de serviços constituíram a primeira bateria de assalto ao Estado nacional, abrindo

fantásticas "avenidas" para a acumulação real.

A reestruturação produtiva - queimando capital "velho" e utilizando novo - e a concorrência feroz impuseram também um processo de "globalização" produtiva (além da financeira, já comentada). Esta, contudo, restringe mais a tríade, que concentra a parte substancial dos investimentos produtivos, pouco sobrando à periferia mundial:

1. o Leste europeu e a ex-URSS, iludidos pelo canto da "fácil e harmoniosa" transição ao capitalismo;
2. a África, abandonada, como uma nave à deriva;
3. a maioria dos países latino-americanos e asiáticos, para os quais não se consegue vislumbrar um futuro positivo.

A reestruturação provocou também descomunal reconcentração do capital privado, através de *fusões, jointventures*, compras-vendas parciais de plantas industriais, abertura e fechamento de plantas etc. Essa reconcentração ampliou consideravelmente o poder monopolista (financeiro, produtivo e comercial) das grandes empresas. Por exemplo, elas hoje detêm 50% do comércio mundial de manufaturados, com parte substancial realizad;l entre suas matrizes e filiais e entre suas filiais.

Por outro lado, a introjeção de novas tecnologias e a alta velocidade com que isso se fez impuseram:

1. transformações radicais nos processos produtivos, automatização, informatização etc., exigindo mudanças nas estruturas técnicas, financeiras, comerciais e administrativas das empresas;
2. "flexibilização" do trabalho humano e substituição de trabalho não qualificado e grande eliminação de postos de trabalho, aumentando para 35 milhões os desempregados estruturais, só na OCDE;
3. sucateamento de capital produtivo, por obsolescência forçada;
4. substituição de insumos convencionais (aço, cobre, estanho etc.) por modernos, normalmente produzidos nos países avançados.

Acrescente-se ainda que grande parte dos novos produtos das novas tecnologias são muito mais substituidores de antigos do que propriamente novos, como a fibra ótica, que substitui o cabo metálico, o fax, que substitui o telex, novas ligas metálicas, que substituem o aço e o cobre comum, eliminando assim, de forma direta e indireta, trabalhadores e insumos substituídos.

Assim sendo, o imperialismo, para "completar" sua globalização nos países subdesenvolvidos, está causando um verdadeiro flagelo, sucateando precocemente capacidade produtiva e infra-estrutura, ao exigir a moderna substituição daqueles ativos. Por outro lado, o debilitamento do Estado, que já era acentuado com a "crise da dívida", aumentou ainda mais, com as políticas de ajustes neoliberais, desregulamentações, privatizações, exaustão

da capacidade de planejamento e incapacitação da política econômica. A esses Estados nacionais pouco tem restado fazer para escapar de uma "reação passiva". Isso tudo está agravando sobretudo a atual crise social.

Tomados o Segundo e o Terceiro Mundos, creio que apenas alguns poucos países, como China, Rússia, Brasil e Índia, por suas dimensões econômicas e espaciais, suas capacidades produtivas e suas dotações de recursos, têm condições de amenizar os efeitos dessa "globalização", negociando a subordinação - parcial e relativa - da modernização produtiva às suas condições econômicas e sociais atuais e a uma política de desenvolvimento alongo prazo, com justiça social. Contudo, as forças políticas de direita têm predominado na maioria dos países, anulando suas capacidades de resistência. Por exemplo, no Brasil, o *impeachment de Fernando I (Collor)*, que aqui introduziu as políticas neoliberais, não impediu a vitória de Fernando II (FHC), que as aprofundou ainda mais.

Para os demais países - notadamente para os de menor dimensão econômica e territorial - poucas chances restarão. O imperialismo lhes havia proporcionado, a partir do século XIX, mercado para exportações de matérias primas e alimentos, cuja dinâmica econômica gerou alguma industrialização, urbanização e melhoria social. Hoje, ao contrário, a desindustrialização parcial já é uma realidade, e as chances de expansão daquelas exportações apresentam tendência comprometedora a longo prazo. Assim, desemprego, regressão mercantil e agravamento da crise social é o que o imperialismo tem a lhes oferecer.